

SIMBIOSE: PRÉ-SUPOSTO PARA UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA

SIMBIOSIS: PRESUPUESTO PARA UNA EDUCACIÓN HUMANIZADORA

Roque Strieder

Strieder@unoescsmo.edu.br

Cleidiana Watte

cleitte@zipmail.com.br

RESUMO. O presente artigo visa trazer para o debate perspectivas diferentes das usuais, fundamentando o processo humanizador. A concepção de uma evolução da vida e dos próprios seres humanos, tendo como base a colaboração, desmonta muito do que considerávamos saber. Revelar como a condição de humanização, a condição de sobrevivência da espécie se fundamenta na colaboração e na ajuda mútua e o leque de implicações humanas, envolvidas na discussão colaborativa, exige muita honestidade, mas também, cautela para não alimentar mais uma vez falsas expectativas. Cabe olhar a trajetória evolutiva da humanidade como trajetória que, durante milhões de anos, manteve a aglutinação de gens em grupos cooperativos. Apostamos na educação como sendo uma das portas imprescindíveis para uma humanidade mais sensível, mais colaboradora, mais participativa e mais atenciosa para com o outro. E isso só terá sentido se comprometido com o bem-viver-com-os-outros, assegurado também no espaço da educação escolar.

Palavras-chave: Educação, colaboração, humanização.

RESUMEN. El presente artículo tiene como objetivo traer para el debate perspectivas distintas de las usuales, fundamentando el proceso humanizador. La concepción de una evolución de vida y de los propios seres humanos, teniendo como base la colaboración, desmonta mucho de lo que considerábamos saber. Revelar como la condición de humanización, la condición de supervivencia de la especie se fundamenta en la colaboración y en la ayuda mutua y en una cantidad de implicaciones humanas, envueltas en la discusión colaborativa, exige mucha honestidad, pero también, cautela para no alimentar más una vez falsas expectativas. Cabe mirar el trayecto evolutivo de la humanidad como un trayecto que, durante millones de años, mantuvo la aglutinación de genes en equipos cooperativistas. Acreditamos en la educación como siendo una de las puertas imprescindibles para una humanidad más sensible, más colaboradora, más participativa y que busca tener más atención con los demás. Y, eso, solo tendrá sentido si comprometido con el bien vivir de los otros, asegurando también el espacio de la educación escolar.

Palabras llave: Educación, colaboración, humanización.

A indeterminada natureza humana

A natureza humana é indeterminada, é versátil e não linear. Somos unos e múltiplos, indivíduos e coletivos, competitivos e colaborativos. Somos complexos – *Homo complexus* (MORIN, 2000) -, mantemos relações de interdependência com tudo e todos, vivemos em uma dinâmica caótica. Navegamos em ondas de furor e ódio, mas também ancorados nas sábias brisas do amor. Somos seres inebriados em ondas de angústia e de ansiedade, mas também fruímos no gozo do bem-viver. Somos seres racionais nutridos por conhecimentos comprovados, mas andamos envoltos em mitos e quimeras cultuando ilusões e magias. Mergulhamos em sendas e brechas onde o incontrolável se manifesta nas profundas formas das afetividades, perpassadas, constantemente, pelos sonhos, pelas angústias, pelos desejos, pelos medos e pelas esperanças. Somos *complexus*, somos indeterminados, somos seres humanos.

É pertinente reconhecer nossa dualidade: *Homo sapiens* e *Homo demens*. Como *sapiens* manifestamos nossa racionalidade. Como *demens* comparecemos com nossas loucuras. Pervagado pelas duas dimensões, oscilamos por entre a condição de produtores, de técnicos, de construtores, de estéticos, de eróticos, de conscientes e inconscientes, de mágicos, religiosos e neuróticos; cantamos, gozamos, nos divertimos, dançamos, imaginamos e fantasiamos. Todas essas manifestações se entrecruzam, se dispersam se compõem e envolvem indivíduos e conforme os indivíduos em seus grupos, comunidades e, em diferentes momentos.

A seguir e, sem a pretensão de exaurir o tema, nem mesmo alimentar sonhos idílicos sobre a humanidade, pretendemos mostrar uma outra face também presente no processo da humanização: a dimensão colaborativa. São momentos, de certa forma indistintos, todos revelando confiança na solidariedade humanizadora.

Dimensões da e na linguagem

No estudo da evolução e dos rumos da humanização, reconhecidos por estudiosos das biociências como MORIN (1975), MATURANA e VARELA (1995), RIDLEY (2000), entre outros, admite-se que a morfogênese da humanização seja resultado de um complexo processo de interações e interferências no genoma

constitutivo, no cérebro/mente e no contexto social/cultural. Os *Homo sapiens sapiens* evoluíram e constituíram-se através de um processo de melhoramento e aumento da complexidade sistêmica e capacidade de aprendizagem.

O *Homo sapiens/demens*, como também os demais sistemas vivos, em seu caminhar evolutivo, o fazem de maneira tal a constituir-se como um processo de melhoramento o que significa aumento de complexidade. A complexidade tem a ver com formas diferenciadas de viver, conviver e existir de maneira sistêmica, de perceber o planeta e evoluir cerebralmente. A concepção sistêmica “diz respeito [...] a sistemas vivos, cognitivos e sociais, [...] dotados de capacidade de complexificação e de aprendizagem” (LERBERT, 1997, p. 23).

A nova antropologia deseja compreender o porquê e como ocorreram as modificações no fenótipo ontogênico da linhagem humana; compreender o modo de vida diferente que passou a ser conservado; tenta compreender o processo evolutivo dentro desse novo modo de vida no contexto de seres portadores de inovações.

Para Maturana, a origem da linguagem está intimamente ligada ao estabelecimento de um domínio de relações consensuais de condutas. Essas condutas exigem uma história de “encontros recorrentes na aceitação mútua suficientemente intensa e prolongada” (1998, p. 96).

O domínio de relações consensuais de condutas fez parte do contexto vivencial dos homínidas que, por volta de cinco milhões e setecentos e cinquenta mil anos (REICHHOLF, 1995), viveram na África. O modo de vida que eles começaram a construir centra-se na coleta. Uma coleta que implica em compartilhar alimentos e na colaboração do macho e da fêmea na criação e no cuidado para com os filhotes. Inicia-se um modo de vida que passa a centrar-se, cada vez mais, em encontros de convivência com base na sensualidade. Na medida em que se intensificam os encontros sensuais inicia-se a prática sexual frontal e, a fêmea passa a desejar a sexualidade como forma de prazer. Para que isso se torne possível seu corpo sofre inúmeras modificações. Desenvolve uma série de atrativos erógenos que a tornam atraente ao macho para além do período de fertilidade, quando o atraía pelo sentido do olfato e com base nos feromônios (MORIN, 1975).

Os primeiros grupos humanos iniciaram o processo de humanização quando passaram a conservar esse modo de vida grupal, sustentado no cuidado mútuo, na colaboração e no compartilhar de alimentos. Um modo de vida que, tendo o cuidado

e a ajuda mútua como centralidade, tornou possível a linguagem. Linguagem que passa a ser percebida como um meio para sobreviver e manter as relações de interdependência no interior dos nichos vitais que estão sendo construídos.

Pode-se afirmar que o fato de convivermos com os outros, construindo nossos nichos vitais e estabelecendo relações através da linguagem, nos constitui efetivamente como humanos. A possibilidade e o desenvolvimento da linguagem traz características essencialmente humanas, vinculadas com a aproximação, a aceitação mútua e o desejo de trocar-se coisas entre uns e outros. O humano se conservou através de um modo de vida que tornou e continua tornando possível a linguagem. A linguagem humana é aberta e acontece em forma de teia enredada e sistêmica. Ela pode ser elaborada, re-elaborada e faz parte de nossa constituição grupal.

Nas pistas da simbiogênese

No mundo moderno, diante da forte presença da economia de mercado, priorizando a satisfação do interesse próprio, será possível educar crianças, jovens e adultos para desejarem afirmar a vida como um processo evolutivo coletivo, simbiótico e voltado para o bem de todos? Para crer na possibilidade de tal educação é preciso entender que somos movidos pelo desejo de conviver com o outro e que nossa condição humana é bem mais profunda e complexa do que os reducionismos propostos e defendidos por Hobbes, Hegel, Smith e outros. É preciso reconhecer que o amor, a cooperação, a evolução da linguagem e a solidariedade fizeram e fazem parte da constituição humana e que, através desses sentimentos/ações nos humanizamos enquanto espécie.

É nesse sentido que inúmeros novos pressupostos sobre a evolução começam a ser admitidos. Todos, de uma maneira geral, concebem a vida em evolução, porque os seres humanos aprenderam a cooperar e manter a vida através da simbiogênese, ou seja, a criação de novas formas de vida por meio da cooperação, associação e interdependência entre seres. O físico Fritjof Capra afirma com insistência: “estamos começando a reconhecer a cooperação contínua e a dependência mútua entre todas as formas de vida como aspectos centrais da evolução” (1997, p. 185).

A cooperação foi a maneira utilizada pelas colônias de bactérias para se manterem vivas. Um exemplo dessa evolução cooperativa é expresso pela bióloga sistêmica Margulis: “Muitas espécies construíram imensas colônias - emaranhamentos microbianos multinivelados nos quais as camadas superiores queimavam e morriam, mas, formavam um escudo, com seus corpos mortos, para proteger as partes inferiores” (Apud CAPRA, 1997, p. 190).

De maneira colaborativa, a vida continuou incessantemente surgindo e evoluindo. Capra sustenta que as formas de vida só se mantiveram em ambientes extremamente adversos, pela opção à simbiose/colaboração. Diferentes espécies colaboram e ajudam-se mutuamente compartilhando de material genético para se complementarem e tornarem-se mais resistentes. Assim, “grandes reuniões dessas equipes de bactérias podem operar com coerência de um único organismo, executando tarefas que nenhuma delas pode realizar individualmente” (CAPRA, 1997, p. 190).

Fissuras na rodada competitiva

Nos tornamos humanos com base nas relações que estabelecemos com os outros. Essas relações podem ocorrer em forma de simbiose ou de conflito, muitas vezes de forma simultânea. Talvez seja necessário aceitar que não podemos fazer tudo o que queremos, mas também não nos é viável fazermos somente o que os outros querem que façamos.

Na visão do consumismo, somos, cada vez mais, reduzidos a consumidores e produtores. Cada dia temos a sensação que a convivência humana e a criação de laços afetivos e colaborativos, quando encontram espaço nas relações, dão-se de maneira secundária. Ao mesmo tempo em que idolatramos o trabalho na forma capitalista, como fonte de dignidade, criamos uma consciência individualista de vida social, porque apostamos na realização de desejos individuais em primeira instância. Como não há espaço para os mais de seis bilhões de *Homo sapiens*, terem o mesmo potencial de consumo, a condição de existência para os excluídos torna-se cada vez mais difícil. Mas, mesmo diante de tantas dificuldades, os desejos e ações simbióticas não são inexistentes. Almejar a felicidade, possibilitada pelo convívio social colaborativo, é prática diária de grande contingente humano, que vivencia as relações de interdependência de maneira fervorosa.

Nos pontos cegos da crença competitiva podem radicar inúmeras novas interfaces do relacionamento humano para platôs menos arbitrários e menos convergentes para a conflitividade e a competição. No complexo mundo relacional dos humanos, as plicas rizomáticas (DELEUZE e GUATTARI, 1995), nas quais circulam nossos desejos e nas quais se lançam nossas existências, é também resgatável um sentido humanizador de convivência. Se, no imaginário das grandes bifurcações, nas quais o vir-a-ser humano in-habita também as bordas e nem todos se movem sob a estreita lógica competitiva, o reconhecimento mútuo e a colaboração marcam presença por detrás do conflito competitivo. Talvez já tenha ocorrido demasiada perda de tempo no esforço e no reforço do princípio organizativo único da sociedade humana em torno do fundamento da competição. Abrir mão desse princípio permite conjugar a emergência humana em outras veredas. Em veredas em que o reconhecimento, o entendimento e a colaboração também são possuidores de contributos possíveis por que desejados. Esse é o sonho de Capra:

O reconhecimento da simbiose como força evolutiva importante tem profundas implicações filosóficas. Todos os organismos maiores, inclusive nós mesmos, somos testemunhas vivas do fato de que práticas destrutivas não funcionam a longo prazo. No fim, os agressores sempre destroem a si mesmos, abrindo caminho para outros que sabem como cooperar e como progredir. **A vida é muito menos uma luta competitiva pela sobrevivência do que o triunfo da cooperação e da criatividade.** Na verdade, desde a criação das primeiras células nucleadas, a evolução procedeu por meio de arranjos de cooperação e de co-evolução cada vez mais intrincados (1997, p. 193, grifos nossos).

Humanização: a inefável presença colaborativa

A cooperação simbiótica (ROSNAY, 1997) pode ser percebida na espécie humana e foi fundamental para que a nossa espécie continuasse a sua trajetória evolutiva. Dentre as inúmeras hipóteses sobre o surgimento do humano e da humanização, temos a do nascimento prematuro de bebês símios antropóides marcando o desencadear da nossa evolução (REICHHOLF, 1995). Esses bebês, por serem totalmente dependentes dos adultos, principalmente para se alimentarem e se locomoverem requeriam maiores cuidados, proximidades, toques e atos

carinhosos. Os grupos homínidas transformaram a comunicação corporal/emocional em fonte repleta de sensibilidade e passaram a desenvolver mais profundamente a afetividade. Os adultos passaram a manifestar afeto e atenção para com os filhotes e assumiram a responsabilidade do cuidado. Essa convivência coletiva e de ajuda mútua fez surgir e reforçar os traços de relacionamento humano dos quais somos, ainda hoje, dependentes. Na afirmação de Capra: “Os primeiros seres humanos [...] caçando juntos, também partilhavam seus alimentos e essa partilha dos alimentos, tornou-se outro catalisador para a civilização e a cultura humana, originando finalmente as dimensões míticas, espirituais e artísticas da consciência humana” (1997, p. 205).

A exigência de cuidado, a presença intensa e extensa da mãe, a amamentação, até a possibilidade do filhote alimentar-se sozinho, foi condição fundamental para promover a humanização. O macho participa de forma direta na obtenção de alimentos, seja para a mãe durante a gravidez, ou mesmo depois do nascimento até que a criança e a mãe estejam em condições de cuidarem a si próprias.

Da relação alimentar decorre uma reflexão em direção à simbiogênese que enobrece o processo de humanização. É a mulher que necessita de uma alimentação mais rica em proteínas e não o homem. É ela que precisa de elementos nutritivos ricos em fósforo e proteínas já que são esses elementos nutritivos necessários para o desenvolvimento estrutural do feto. Diferentemente, o homem precisa tão somente o necessário para o seu crescimento e a regularidade de seu metabolismo. O homem precisa de alimentos ricos em “combustível”, ou seja, alimentos energéticos. Ele precisa de lipídeos e glucídios, dos quais obtém a energia necessária para sair e procurar alimentos (REICHHOLF, 1995). São esses alimentos energéticos que lhe disponibilizam uma musculatura mais consistente do que na mulher. No seio dessa simbiogênese, na relação alimentar, encontram-se princípios de humanização.

Enquanto o homem caça e traz carne, alimento rico em proteínas, a mulher se dedica à coleta e ao cultivo de tubérculos ricos em amido. Assim, a mulher dispõe dos alimentos fornecedores de energia e o homem dispõe dos alimentos estruturais. Segundo Reichholf (1995) os papéis estão invertidos. Aquilo que um sexo obtém, o outro necessita. Aqui reside um dos importantes princípios originários do processo

de humanização. Essa forte ligação e inter-dependência entre os sexos não se encontra tão acentuada em outras espécies, nem na dos parentes mais próximos.

Para Reichholf (1995), a coesão e troca entre macho e fêmea, ou entre homem e mulher, é garantia de êxito para a sobrevivência da espécie *Homo*. Permanecer juntos também é fundamental no período de gestação e no período de cuidados ao bebê até a sua parcial auto-suficiência. O pré-suposto da colaboração e do cuidado é imprescindível para que a espécie homínida se consolide e não seja condenada ao fracasso evolutivo. Reichholf (1995), assegura que o pacto firmado entre os sexos, no qual o homem garante o alimento que a mulher necessita e a mulher garante o alimento que o homem precisa, constitui-se no suporte evolutivo da espécie e mais, numa das condições da caminhada, rumo à humanização. Há colaboração, ajuda mútua, altruísmo recíproco no qual ambos os sexos saem ganhando. Os homens têm bons motivos para investir na mulher com a qual pretendem ter filhos.

A neotonia

O fenômeno da permanência de algumas espécies e inclusive da espécie humana numa fase longa de desenvolvimento é conhecido como neotonia (ASSMANN e MO SUNG, 2000). Na maioria dessas espécies, a fase neotênica se estabelece entre a juventude e a maturidade sexual, nos humanos ele se estende pela vida toda.

O desenvolvimento humano encontra-se profundamente vinculado à alimentação. A relação humano-alimentação não foi uma simples transferência de produtos das mães para os bebês através do útero, mas uma relação simbiótica entre duas vidas, agora dependentes uma da outra. A aquisição e o desenvolvimento da inteligência, associada ao desenvolvimento cerebral, está ligada também à capacidade por parte da mulher de suportar as dores do parto.

As mulheres só os devem ter podido suportar, porque elas, no seio dos grupos humanos, podiam estar certas de receber os cuidados necessários por parte dos seus homens. Se estivessem entregues a si próprias, ou se, como as leões, tivessem de efectuar, elas próprias, a maior parte do esforço de captura de presas, este trabalho de parto ter-se-ia tornado impossível. Nunca a mulher grávida teria suportado, sozinha,

os esforços que estavam associados à vida nas savanas (REICHHOF, 1995, p. 209).

A convivência e a ajuda mútua oportunizaram aos filhotes aumentar a complexidade do cérebro. Depois da solidificação dos ossos cranianos, não há mais possibilidade de aumento do volume cerebral, mas um aumento de conexões e aprendizagem. O cuidado dispensado ao recém-nascido é fundamental para que os sentidos desenvolvam seus potenciais de forma completa.

A sensação de bem-estar da criança alia-se profundamente com a satisfação do receber alimento. Segundo Montagu (1988), o desenvolvimento orgânico, da corporeidade da criança, tem uma relação profunda com as sensações agradáveis presentes no seu espaço convivencial. O funcionamento perfeito dos órgãos tem uma relação estreita com a qualidade do cuidado dispensado às crianças. Montagu relata experiência realizada com 173 crianças, acompanhadas do nascimento até os dez anos de idade, incluindo crianças que foram amamentadas e outras que não foram: “... verificou-se que as crianças que não tinham sido amamentadas apresentavam quatro vezes mais infecções respiratórias, vinte vezes mais diarreia, vinte e duas vezes mais infecções variadas, oito vezes mais eczemas, vinte e uma vezes mais asma, e vinte e sete vezes mais febre de feno” (1988, p. 89).

Segundo Montagu, existem inúmeras pesquisas que comprovam que o desenvolvimento intelectual e a capacidade de socialização têm a ver com a intensidade dos cuidados recebidos enquanto criança. A neotenia é uma demonstração evidente da importância de um contexto de solidariedade para a saúde física, psicológica e social dos seres humanos. O nascer pré-maturo está aliado a uma profunda concepção de confiança: o cuidado necessário terá continuidade no útero externo. A parceria simbiótica, como segundo útero, torna-se importante, não apenas para o nascimento, mas também para permitir o crescimento. Esse crescimento se faz acompanhar de crescentes graus de complexidade. É um complexo jogo de negociações, de sonhos projetados, de ações inter-ligadas, de trocas recíprocas, todas tentando contribuir para a realização de “desejos miméticos” (GIRARD, 1990). Desejos que se concretizam num complexo entre-jogo de competições, de sucessos que, constantemente conflitam com os desejos miméticos dos outros que conosco compartilham o espaço/mundo.

Convivência em grupos

Cada ser humano significa uma porção de coisas para si mesmo e para os outros. Nossa vida é constituída tanto por nós como pelos outros, numa intensa e profunda ligação. O surgimento da vida e a possibilidade de nascer constituem uma forma de simbiose. Nascemos por que há outros seres humanos que nos possibilitam nascer. Desenvolvemo-nos aprendendo, através da colaboração dos outros seres e do ambiente, do qual fazemos parte, além da nossa pré-disposição individual para viver. Ao nascer, e durante toda a nossa vida, somos eu, você e nós ao mesmo tempo. Pierre Lévy confirma essa interdependência:

todos os seres que encontramos “são” [...] nós mesmos. Todos trazem uma parte essencial de nosso enigma, são telegramas cifrados, mistérios que temos que esclarecer para nos compreender e nos tornar quem de fato somos. [...] cada um desses seres nos constituem. Detém o segredo de nossa identidade [...] Eles nos criam e nós os criamos (2001, p. 88).

Passamos a viver numa teia pessoal e impessoal de afetos, qualidades e desejos de conviver com o outro ou não, que nascem ou morrem a todo o instante. Em cada ação, pensamento, emoção e percepção, despertam para a magia da existência/convivência. Para Hércion Ribeiro (1998, p. 08) “cada um tem diante de si um tu e um nós, e participa igualmente de uma história maior da qual nem sempre se alcança ou compreende o significado.” No entanto, a individualidade de cada ser deve reafirmar o compromisso da realização humana enquanto seres coletivos. Somos humanos enquanto relação entre individual e coletiva e não representamos, individualmente, a espécie humana. Somos uma dimensão do social. Só há relações e construção do eu porque convivemos com os outros, mesmo que às vezes os negamos. Nós nos realizamos somente quando em simbiose de relações entre o ser individual e coletivo. Somos nós e nossos novos de relações internas/externas nos explicando e nos estendendo pela nossa coletividade. Quando renunciamos a nós mesmos, em favor do coletivo, nos afirmamos como sendo uma totalidade humana na comunhão, na reciprocidade e no respeito. Não conseguimos viver isolados de outros humanos por um longo tempo. A companhia de alguém nos é aconchegante e nos completa.

Considerando que a sociedade *Homo sapiens sapiens* é ampla e complexa, que somos mais de seis bilhões de particularidades, individualidades constituídas no social e que vivemos numa sociedade capitalista que supervaloriza o individualismo, não podemos negar a complexidade das relações sociais. Não há como enquadrar a população mundial em categorias porque anulamos umas em detrimento das outras. O fortalecimento das identidades individuais se torna possível quando ancoradas no desejo de compartilhar a vida com os outros em seus espaços de convivência.

Observa-se que o ser individual/grupal, não é realidade separada, mas complementar, convive em um mesmo sistema e se constitui um ao outro. Essa simbiose, indivíduo/sociedade com suas desordens, incertezas, ambigüidades, complementariedades, relações e antagonismos constituem uma característica comum a todas as sociedades humanas. Para Morin:

a relação entre indivíduo para com o grupo, é comandada por um princípio duplo de cooperação-solidariedade, por um lado, e de competição-antagonismo, pelo outro. A relação de indivíduo para com indivíduo, por vezes solidária e [...] conflitante, alimenta o duplo princípio complementar/antagônico da organização social, que se afirma, na sociedade antropóidica, com mais complexidade do que nas outras sociedades de primatas (1975, p. 43).

Somos indivíduos porque fazemos parte de uma sociedade. Sem a existência das individualidades não haveria os fenômenos sociais, tampouco sistemas sociais. Para que exista um sistema social é preciso haver interações colaborativas. As relações sociais são fenômenos simbióticos. A simbiose consiste numa relação de convivência grupal, muito além dos interesses individuais. Ela pode chegar a tal nível de complexidade que o sucesso da comunidade depende do sucesso de cada um de seus membros enquanto que o sucesso de cada membro depende do sucesso da comunidade como um todo (MATURANA e VARELA, 1995). Segundo Maturana, “a conduta social está fundada na cooperação e não na competição” (1997, p. 206). Em outro momento Maturana afirma:

Não é a agressão a emoção fundamental que define o humano, mas o amor, a coexistência na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência. Não é a luta o modo fundamental

de relação humana, mas a colaboração. Falamos de competição e luta criando um viver em competição e luta, e não só entre nós, mas também com o meio natural que nos possibilita. Assim, dizem que os humanos devemos lutar e vencer as forças naturais para sobreviver, como se isso tenha sido e seja a forma normal do viver. Mas não é assim. A história da humanidade na guerra, na dominação que subjuga, e na apropriação que exclui e nega o outro, se origina no patriarcado. Na Europa, que é nossa fonte cultural, antes do patriarcado se vivia na harmonia com a natureza, no gozo da congruência com o mundo natural, na maravilha de sua beleza – não na luta com ela (1998, p. 34).

Assim, também na educação, não aprendemos sozinhos. Educadores e educandos se oportunizam e criam momentos de cooperação e ajuda mútua para que a aprendizagem ocorra. As crianças precisam perceber que fazem parte de um todo coletivo porque, apesar de existir uma visão cultural de individualismo, nem tudo e todos se movem através dela. O amor, a ajuda e o respeito ainda marcam presença em meio a tantos conflitos. Podemos negar sensações fatalistas e aumentar expectativas quanto a possibilidade de crer que as inter-relações simbióticas podem ser e são formas concretas de vida. Manifestamos diariamente nossos desejos e paixões através de relações comportamentais entre humanos e demais formas vivas e não vivas.

A evolução da espécie humana esteve ligada ao processo de evolução grupal. Conviver em grupo significa ter a oportunidade de construir relacionamentos simbióticos e/ou competitivos, afetivos e/ou opressores (MATURANA e VARELA, 1995).

A sociedade humana está repleta de grupos, associações, clubes, instituições, corporações e agremiações. As organizações não governamentais, os grupos de formação de jovens, os grupos de apoio aos dependentes de drogas, entre outros, em suas diretrizes, propõem políticas de ações que no fundo visam ao bem comum. Esses grupos, apesar das inúmeras contradições, nos trazem o alento de que, de forma incipiente, deseja-se o espalhamento de mais sensibilidade solidária. Ser e viver, de forma solidária, significa responsabilizar-se pela vida nas suas mais diferentes formas e manifestações, tendo o amor e a ternura como suportes.

Apesar da tendência para conviver em grupos, a simbiose e a solidariedade não foram os princípios dessas convivências e relacionamentos nos últimos séculos. Também é consenso, na nova antropologia, que no longo processo evolutivo, rumo à humanização, a humanidade não referenda a acolhida como marco principal. Se o ser humano faz a sociedade, que o faz através da convivência, então, cabe-nos reconhecer que nossos desejos precisam estar relacionados aos desejos de bem-estar dos outros.

Desafios permanentes são lançados a humanidade: substituir a concepção de que a vida é uma “guerra de todos contra todos” e de que vivemos em um mundo regado exclusivamente pelo jogo de interesses individuais; de despertar a sensibilidade para a convivência coletiva; de recuperar a sensibilidade social e garantir um espaço para todos construindo argumentos para dizer não aos sentimentos de exclusão dos considerados ‘perdedores da economia de mercado’. Se nos aventurarmos por essas fissuras, veremos que nossa sensibilidade cooperativa e solidária não é inexistente, mas sim que foi e continua sendo impedida de forma impiedosa. “A história evolutiva da sociedade humana não se apresenta como uma história de indivíduos. Nos caracterizamos por uma sociedade formada por grupos. Aprendemos a conceber o mundo em termos de grupo e a perceber a nós mesmos pertencendo a um grupo” (STRIEDER, 2002, p. 185).

O egoísmo, a competição, o confronto e a indiferença não podem ser vistos como condições intrínsecas e sem alternativas para os humanos. Podemos e devemos apostar nos discretos desejos de simbiose, tão fundamentais para manter a vida e a aprendizagem. Nossa evolução não é resultando, somente, da luta competitiva pela sobrevivência, nem da sobrevivência dos mais fortes, a vida não é uma guerra de todos contra todos, porque, se houve muita competição também houve colaboração e a prova disso é a ainda existência da humanidade.

Evoluímos como animais sociais. Mais do que qualquer outra espécie dedicamo-nos ao pensamento social coletivo, criamos o mundo da cultura e valores integrando-os ao meio natural. Os sistemas vivos, e dentre eles os humanos, encontram-se potencialmente em condições de mudar e evoluir por meio de um complexo entre-jogo de interações que fazem da coletividade o seu baluarte.

A simbiose entre os seres humanos

A história mostra que sobrevivem aqueles que cultivam o hábito da ajuda mútua e colaboração. Portanto, é muito provável que seja falsa a lei do mais forte e equivocada a hipótese de que os mais aptos conquistam longevidade. A vida longa torna-se benesse dos grupos e espécies que sustentam suas relações na cooperação, na ajuda mútua, na simbiose.

É momento de reconhecer o quanto é estimulante o espetáculo da cooperação que se espalha pelo mundo afora. O quanto é espetacular uma pessoa ser doadora de sangue, doadora de órgãos, dedicando partes de seu dia-a-dia prestando solidariedade. Se não o fizermos, corremos o risco de nos tornarmos cada vez mais insensíveis ao outro e a casca de nosso lado *demens* se engessar cada vez mais.

A cooperação insiste fortemente em fazer parte de nossa natureza, mesmo que teimosamente deitada numa longa noite de incognoscibilidade. A organização social, como afirma Ridley, “não é invenção de pensadores. Ela evoluiu como parte de nossa natureza. É, tanto quanto nosso corpo, produto dos genes” (2000, p. 15).

Nossa vida integra uma teia de conexões que nos ligam aos pais, aos irmãos, aos amigos, aos companheiros, ao próximo com face, ao distante sem face no ciberespaço. Estamos ligados aos nossos superiores, ligados a grupos, a partidos, a times de futebol, a empresas, à natureza, aos encontros, entre outros. Somos incapazes de viver sem a presença do outro. Mesmo e apesar de sermos também misantropos (STRIEDER e PILLA, 2002), a convivência com-os-outros é impostergável. Somos incapazes de uma auto-suficiência completa e plena. Temos necessidade de permutar coisas e habilidades com outros seres humanos. Nós somos radicalmente dependentes de outros, muito mais do que qualquer outro primata ou animal de outra espécie. A trajetória evolutiva da humanidade, durante milhões de anos, manteve a aglutinação de gens em grupos cooperativos. Olhar nossos ancestrais, em suas trajetórias evolutivas, sempre aglutinados em sociedades colaboradoras, é importante para despedidas gradativas do localizacionismo que não permite visualizar a nós mesmos para além do superficialismo de nossa pele.

A simbiose é desafio de educadores e comunidade escolar. Ela pode ser vivenciada na escola, quando e, a partir do momento em que vivenciamos o respeito pelo nosso agir e pelo agir do outro. Pode ser vivenciada quando criamos um

ambiente educativo apto para a prática da investigação. Quando tornamos possível um ambiente de respeito às diferenças e ao livre curso do desenvolvimento das potencialidades dos educandos. A simbiose pode ser vivenciada quando aprendemos a importância do ouvir o outro e de lhe estender a mão. Ela pode ser vivenciada quando começamos a perceber que a capacidade de sonhar não pode ser eliminada, suprimida e nem minimizada. A simbiose torna-se presente quando nossas linguagens são convites para a solidariedade, para o encontro, para manifestações de coleguismo e de entre-ajuda. A simbiose será vivência quando passamos a conceber o outro como diferente e ainda assim integrante de uma única e mesma espécie: a espécie *Homo sapiens sapiens* (MORIN, 2000).

Um espaço de simbiose pauta-se na sensibilidade, no cuidado tenro e no carinho compartilhado com os demais e também com outras formas vivas e não vivas, constituintes do grande todo. Ao consolidar práticas de simbiose, valorizando a cooperação, ela será alavanca da construção coletiva. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs - alertam: “a maioria das escolas tende a ser apenas um local de trabalho individualizado e não uma organização com objetivos próprios, elaborados e manifestados pela ação coordenada de seus diversos profissionais” (2001, p. 48).

A proposta disciplinar está contribuindo na formação para vivências e práticas egoístas e individualistas (ASSMANN e MO SUNG, 2000). A educação disciplinar nos leva à visões fragmentadas sobre a vida e o mundo. Falta superar a lacuna do pensar e do agir colaborativo.

O PCNs afirmam que, para tornar possível o pensar e o agir coletivo, é necessário o compromisso de assumir a “co-responsabilidade de todos os membros da comunidade escolar, para além do planejamento de início de ano ou dos períodos de ‘reciclagem’”(2001, p. 48).

Numa escola colaborativa não cabe espaço para a vivência exclusiva de emoções como medo, opressão, desrespeito e egoísmo. Construir vínculos com o conhecimento, através de relacionamentos amigáveis, é uma das formas de realização pessoal. Segundo os PCNs:

um dos objetivos da educação escolar é que os alunos aprendam a [...] conviver em grupo de maneira produtiva e cooperativa. Dessa forma, são fundamentais as situações em que possam aprender a dialogar, a ouvir o outro e ajudá-lo, a

pedir ajuda, aproveitar críticas, explicar um ponto de vista, coordenar ações para obter sucesso em sua tarefa conjunta. É essencial aprender procedimentos dessa natureza e valorizá-los como forma de convívio escolar e social. Trabalhar em grupo de maneira cooperativa é sempre uma tarefa difícil, mesmo para adultos convencidos de sua necessidade (2001, p. 97).

Os PCNs nos propõem uma educação pautada num trabalho grupal, na formação de educandos capazes de tomar decisões coletivas. Nos convocam para estarmos “adotando atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito” (2001, p. 107).

No semblante do inconcluível: sonhando uma escola educadora

O cenário antropológico não pode esgotar-se num sonho idílico de que a organização social da humanidade possa regar-se, um dia, tão somente pela face do amor (MATURANA, 1998) ou da simbiose (ROSNAY, 1997). Fazê-lo seria atitude mesquinha de desconsideração da complexa construção dos espaços relacionais ocorridos até aqui.

Nossa viagem, sucinta e incompleta, deixa evidente, o quanto nos movemos e alimentamos de nossa, no mínimo, dupla dimensão: *Homo sapiens/demens*. Com base nessa dupla dimensão não desejamos alentar cenários idílicos que possam induzir a imaginários equivocados sobre formas de vivência e de convivência.

Não há como renunciar ou negar que nascemos e nos desenvolvemos como seres carentes de solidariedade e de afetividade. A espécie humana está precisando conciliar-se consigo mesma. Trazer de volta e reviver os benefícios da solidariedade, da ajuda mútua, da colaboração, enfim, vivenciar o que poderíamos denominar de uma “segunda neotenia” (ASSMANN e MO SUNG, 2000) são desafios a serem assumidos pela humanidade.

A acolhida solidária passa pela reafirmação da mentalidade de que a ajuda mútua e a vivência simbiótica são condições inequívocas para a construção de desejos de afirmação concreta de todas as vidas ameaçadas pela desatenção e pela indiferença. É nesse sentido que reafirmamos ser importante o

desenvolvimento de uma “segunda neotenia”, ou a retomada vivencial daqueles aspectos que tornaram possível o processo de humanização.

Num plano antropológico, é preciso reconhecer que a humanidade ainda colhe a sede pela acolhida e pela afirmação concreta de todas as vidas. Esta sede, por mais difícil que se nos pareça reconhecer, alenta muito mais para as dinâmicas convergentes e dialogantes do que para a confrontação competitiva. Ainda vale a pena admitir que nos tornamos solidários a partir do momento em que percebemos que a nossa felicidade está intimamente ligada aos relacionamentos de cooperação. A sociabilidade, a ajuda mútua e a cooperação, na busca de alimentos, constituem o grande diferencial na longa trajetória da humanização. Se, pela ajuda mútua e pela cooperação nos tornamos quem somos e o que somos, talvez a sua retomada possa proporcionar o salto para a vivência solidária.

A vivência será mais fácil se a educação transformar-se em difusora de acolhida e de reconhecimento. Apostamos na educação como sendo uma das portas imprescindíveis para uma humanidade mais sensível, mais colaboradora e mais atenciosa para com o outro. Fazê-lo é ter como ponto de partida a realidade vivencial do processo de humanização: ajuda mútua, cuidado, desejo de felicidade estendido ao outro. Diante dessa história real, e não necessariamente oficial, o processo educacional alenta esperanças por uma acolhida solidária e fraterna.

ROQUE STRIEDER

Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996). Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (1999). Atuou como pró-reitor de pesquisa, pós-graduação e extensão da Universidade do Oeste de Santa Catarina no período de maio de 2000 até maio de 2008. Atualmente é editor da revista Visão Global da Unoesc. Professor do programa de Mestrado em Educação da Unoesc. Professor em cursos de graduação e especialização. Atua como pesquisador em projetos de pesquisa da Unoesc, do PIBIC/CNPq e da Fapesc, bem como em projetos com fomento local. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, humanização, aprendizagem, valores e ética.

CLEIDIANA WATTE

Possui graduação em pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2002) e especialização pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2003). Tem experiência na área de Educação.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo e MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BRASIL, Secretaria de Estado da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação: introdução*. 3ª ed. Brasília, 2001.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1997.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs*, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

GIRARD, René. *A violência do sagrado*. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

LERBERT, Georges. *Pedagogia e sistêmica*. Lisboa.: Instituto Piaget, 1997

LEVY, Pierre. *O fogo liberador*. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2001

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Psy II, 1995.

MATURANA, Humberto. *Ontologia da realidade*. Belo horizonte, MG.: UFMG, 1997

_____. *Emoções e linguagens na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p.34.

MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988. MORIN, Edgar. *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. RJ.: Zahar Editores, 1975.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A cabeça bem feita: repensar a reforma reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

RIBEIRO, Hércio. *A condição humana e a solidariedade cristã*. Petrópolis: Vozes, 1998.

REICHHOLF, Josef. *O enigma da evolução do homem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

RIDLEY, Matt. *As origens da virtude: um estudo biológico da solidariedade*. São Paulo: Record, 2000.

ROSNAY, Joel de. *O homem simbiótico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

STRIEDER, Roque. *Educação e humanização: por uma vivência criativa*. Florianópolis, SC.: Habitus, 2000.

STRIEDER, Roque e PILLA, Carla. Dos misantropos aos antrohpous: rumo à humanização. In: *Visão Global*. São Miguel do Oeste: UNOESC, ano 06, n. 20, p. 271/296, dez., 2002.